

## A poesia como redenção na obra de Darwich

Paulo Daniel Farah (USP)<sup>1</sup>

**Resumo:** O poeta palestino Mahmud Darwich descreve a dissolução de sua infância em 1948 como um momento decisivo em sua vida, pois a perda da infância foi simultânea à perda da pátria. Para Darwich, a distância geográfica cria um tempo-espaço poético, e este artigo discorre sobre a possibilidade de retornar a um lugar ou a um tempo no passado por meio da poesia, que ajuda a superar o exílio e promove a redenção do poeta.

**Palavras-chaves:** Literatura árabe, poesia, Darwich, Palestina, exílio.

**Abstract:** The Palestinian poet Mahmud Darwish describes the dissolution of his childhood in 1948 as a turning point in his life, because the loss of childhood was simultaneous with the loss of homeland. According to Darwich, geographical distance creates a poetic space-time, and this article analyses the possibility of returning to a place or a time in the past through poetry, which helps to overcome exile and promotes the redemption of the poet.

**Keywords:** Arabic literature, poetry, Darwich, Palestine, exile.

O poeta palestino Mahmud Darwich descreveu a dissolução de sua infância em 1948 como um momento decisivo em sua vida, pois a perda da infância foi simultânea à perda da pátria.

A identidade virtual entre a infância e a pátria tornou o retorno impossível. Para reconquistar a pátria, seria necessário reivindicar a infância perdida, ou seja, retornar ao Darwich de seis anos de idade, o que jamais ocorreria na vida física.

---

<sup>1</sup> E-mail: paulobrasilpaulo@gmail.com. Professor doutor de Língua, Literatura e Cultura Árabe na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), autor de obras sobre literatura e história árabe e tradutor de autores árabes modernos e contemporâneos fundamentais como Mahmud Darwich.

Darwich nasceu em 13 de março de 1942 na aldeia de Birwa, nos arredores de Akka (Acre), na Galiléia, perto da costa mediterrânea da Palestina. Em 1948, seu pai, que trabalhava no campo, foi morto durante um ataque israelense contra a aldeia, no mesmo ano em que Darwich e sua família tiveram de abandonar aquela terra e morar num campo de refugiados no Líbano. Lembra o poeta:

Eu me recordo muito bem. Enquanto nós dormíamos, conforme a tradição nos vilarejos, no telhado da casa...

Os tiros que atingiam uma aldeia pacífica, Birwa, naquela noite de verão de 1948, não poupavam ninguém. Eu me vi (no dia em que completava seis anos) caçado até o olival, escalando aquela montanha íngreme, por vezes me rastejando. Depois de uma longa noite de sangue, terror e sede, cheguei a uma aldeia estrangeira com crianças desconhecidas. Inocentemente, eu perguntei: “Onde estou?” E pela primeira vez ouvi a palavra “Líbano”.

Hoje sei que aquela noite pôs fim à minha infância. Os anos de inocência haviam terminado e, de repente, eu fazia parte do mundo dos “adultos”. Desde esses dias no Líbano, não esqueci e nunca esquecerei as circunstâncias em que conheci a palavra “pátria”. Pela primeira vez, e sem ter sido preparado de forma alguma, eu me vi em uma longa fila à espera da distribuição das refeições por uma organização de assistência a refugiados. Lembro-me de que o prato principal era uma porção de queijo. Foi ali que escutei pela primeira vez as palavras que abririam à minha frente a janela para um universo novo: “pátria, guerra, notícias, refugiados, exército, fronteiras...” Com essas palavras, descobri uma realidade nova, que me privou para sempre de minha infância.<sup>2</sup>

É a partir desse momento que Darwich data sua reflexão sobre a identidade como exilado. O que foi, num primeiro momento, uma denominação de exilado no campo de refugiados no Líbano logo se tornou uma autodefinição.

Em 1950<sup>3</sup>, Darwich retornou clandestinamente para a Palestina tornada Israel. Birwa havia sido riscada do mapa e substituída por um *kibutz*. Inicialmente, a família se fixou na aldeia próxima de Dayr Al’Asad. Darwich estudou em Kafr Qasim, localidade perto de Nazaré. No último ano da escola primária, recitou seu primeiro poema em público durante uma celebração em homenagem à criação do Estado de Israel. Suas

---

<sup>2</sup> “Ma’a a’oo; ‘ir Ma’om...d Darw’oo” (Com o poeta Mahmud Darwich). *Aljadid*, março de 1969, p. 20.

<sup>3</sup> Neste ano, com a Lei da Propriedade Absentista, a terra considerada “abandonada” era confiscada. Os árabe-israelenses, banidos da cidade ou aldeia natal pelo governo militar, mas que continuaram a viver no território tornado Israel, foram considerados “absentistas presentes”.

palavras sobre a experiência de ser árabe não foram apreciadas; foi chamado à presença do governador militar, que lhe disse que, por causa do poema recitado, seu pai perderia o emprego.

No final dos anos cinquenta, Darwich começou a publicar poemas e artigos na sucursal árabe do jornal do Partido Comunista Israelense, *Alitti@d* (A União), e em seu suplemento cultural, *Aljad=d* (O Novo).

Na obra jornalística, seus interesses sociais e políticos estavam voltados para a situação interna dos árabe-israelenses e para a luta universal pela liberdade. Darwich defendeu direitos iguais para judeus e não-judeus dentro de Israel e tentou melhorar as condições da população árabe. No início dos anos sessenta, já se interessava por outros movimentos de libertação além do palestino.

Para exprimir minha inquietação, meu isolamento e minha raiva como um jovem oriundo de um povo oprimido e esmagado, eu estava ocupado com o que me parecia ser a melhor forma de expressão e também a mais próxima do coração [a poesia]. Além disso, questionava-me sobre como unir o meu amor por uma mulher a meu engajamento à causa geral? Eu costumava ser influenciado por qualquer triunfo revolucionário em qualquer lugar do mundo, apressando-me para “eternizar” essa vitória!<sup>4</sup>

Na década de sessenta, tornou-se um dos editores do *Aljad=d*. A poesia e o envolvimento político de Darwich foram uma fonte contínua de conflito com as autoridades. Em 1962, ele foi acusado de incitamento à revolução por recitar um poema sobre Gaza em um festival de poesia. Nos anos seguintes, foi preso diversas vezes.

Em um de seus primeiros poemas, “*Bi≤jqat hawiyya*” (Carteira de Identidade), que integra a obra *Awrāq azzaytūn* (Folhas de oliveira, publicado em 1964), Darwich desenvolve uma expressão poderosa e direta de sua identidade. Escrito em resposta às questões de um oficial israelense que o interrogava numa barreira militar, o poema diz:

Toma nota!  
Sou árabe  
Número da identidade: 50 mil  
Número de filhos: oito  
E o nono... já chega depois do verão

---

<sup>4</sup> “*Ma’a a’ir Ma@m...d Darw≈*” (Com o poeta Mahmud Darwich). *Aljad=d*, março de 1969, p. 21.  
Revista Litteris – [www.revistalitteris.com.br](http://www.revistalitteris.com.br)  
Março 2011

E vais te irritar por isso?

Toma nota!  
Sou árabe  
Trabalho numa pedreira  
Com meus companheiros de dor  
Pra meus oito filhos  
O pedaço de pão  
As roupas e os livros  
Arranco da rocha...  
Não mendigo esmolas à tua porta,  
Nem me rebaixo  
No portão do teu palácio  
E vais te irritar por isso?

Toma nota!  
Sou árabe  
Sou nome sem sobrenome  
Paciência sem fim  
Num país onde tudo o que é  
Ferve na urgência da fúria  
Minhas raízes...  
Antecedem  
O nascimento do tempo  
O princípio das eras  
O cipreste e a oliveira  
A primeira das ervas

Meu pai...  
De família na terra  
Sem nobreza entre os seus  
Meu avô  
De presença no arado  
Nem distinto nem bento  
Sem nome nem renome  
Sem papel nem brasão  
Minha casa, só choça no campo  
De troncos e tábuas  
E ela te agrada?  
Sou nome sem sobrenome!

Toma nota!  
Sou árabe  
Cabelos negros  
Olhos castanhos  
E o que mais?...

A cabeça coberta com *kefiyya*<sup>5</sup> e cordão  
Dura como pedra  
Rija no toque  
a palma da mão...  
E o melhor pra comer?  
Azeite e *zaatar*<sup>6</sup>

O endereço?  
Uma aldeia isolada... esquecida  
De ruas sem nome  
E homem...  
No campo e na pedra...  
E vais te irritar por isso?

Toma nota!  
Sou árabe  
Arrancaste as vinhas de meu avô  
A terra que eu arava  
Eu, os filhos, todos  
Nada poupaste...  
Pra nós, pros netos  
Só pedras, pois não  
E o governo, o teu, já fala em tomá-las  
Pois então!

Toma nota!  
No alto da primeira página  
Não odeio ninguém  
Não agrido ninguém  
Ao sentir fome, porém,  
Como a carne de quem me viola  
Atenção... cuidado...  
Com minha fome... com minha fúria!!<sup>7</sup>

Darwich expressa aqui a condição básica do palestino, arrancado de sua terra e de seu sustento. A terra é parte essencial de sua identidade. Neste e nos poemas posteriores, descreve sua relação com a terra da Palestina, suas rochas, oliveiras e laranjais. Darwich logo se torna um “enamorado da Palestina” – título de seu livro seguinte, *’Ā’iq min Filas* (1966):

---

<sup>5</sup> Pano tradicional palestino geralmente utilizado para cobrir a cabeça.

<sup>6</sup> Tempero bastante popular na culinária árabe. Na gastronomia libanesa, síria e palestina, é comum comer pão com azeite e *zaatar*.

<sup>7</sup> DARWICH, M. *Awrāq azzaytūn* (Folhas de oliveira). Beirute: Dīr al’awda, 1964, pp. 9-16.

Palestina nos olhos e na tatuagem  
Palestina no nome  
Palestina nos sonhos e nas marcas  
Palestina no lenço, no andar e no corpo  
Palestina nas palavras e no silêncio  
Palestina na palavra  
Palestina no nascimento e na morte.<sup>8</sup>

Depois de estudar um ano em Moscou, em 1971 tomou a difícil decisão de não retornar a sua terra natal na esperança de encontrar uma arena onde pudesse expressar-se mais livremente e, assim, contribuir para a causa palestina. Declarou as razões da partida em uma entrevista no Cairo, onde passou uma breve temporada, ainda em 1971.<sup>9</sup> Disse que ainda estava totalmente ligado ao ideal de *Æum...d* (perseverança, determinação, firmeza, tenacidade) e que admirava a coragem diária daqueles que se agarravam à terra e se recusavam a ir para o exílio. Argumentou, porém, que sentia que não podia mais exercer seu papel de escritor enquanto permanecesse naquela terra; queria sair de “uma área de bloqueio e aprisionamento para uma área de trabalho”.<sup>10</sup>

O poeta apresentou duas razões principais para tomar a decisão de partir: a falta de liberdade em Israel e a ameaça a sua identidade. Ele explicou que a dificuldade de locomoção e de escrever tornou impossível ser um cidadão e um poeta ao mesmo tempo. Ele sentia que sua identidade se dilacerava entre ser um israelense e ser um palestino:

Sou um cidadão israelense por escolha ou sou um árabe palestino? (...)  
Não seria mais possível viver entre essas duas afiliações por causa da insistência do governo israelense em viver esta aventura até o fim e explodir cada ponte para o retorno. Eu estou dilacerado duas vezes: uma vez em prol do meu povo e outra em favor dos cidadãos judeus cujo governo os está conduzindo para o desastre.<sup>11</sup>

Darwich não considerava sua partida como um exílio. Descrevia-a mais como uma viagem (*safar*), pois esperava que a saída fosse temporária. O retorno do Líbano havia significado no passado uma experiência de exclusão no país, de ser classificado como “absentista”. Ao deixar o país fisicamente desta vez, Darwich esperava que isso pudesse resultar numa ligação mais próxima com ele.

<sup>8</sup> DARWICH, M. *‘Āʾiq min Filasṣṣan* (Enamorado da Palestina). Amã: Dār aʾur...q, 1966, p. 10.

<sup>9</sup> “*Lim j<sup>TMa</sup> ¶arajta min Isrj<sup>’≈l</sup>?*” (Por que você saiu de Israel?). *Alhiljl*, março de 1971.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 6.

Meu país é uma causa que é preciso defender a todo momento. Eu não sou o primeiro cidadão e poeta a se retirar de seu país para ficar mais próximo dele. Agora eu posso sentir como nunca a pulsação da terra que me plantou e uma esperança pura e legítima porque eu estou vivendo e trabalhando com meu povo no sentido mais amplo, pois defendo o particular no geral.<sup>12</sup>

A decisão de partir, porém, foi vista como um abandono de sua responsabilidade como um *fidj'i* (aquele que se sacrifica, combatente), comparável à deserção de “um soldado que abandona seu posto”, e causou uma onda de indignação na mídia árabe.

No Cairo, Darwich foi um constante colaborador do jornal *Al Ahram*. Em 1972, ele se mudou para Beirute, onde permaneceu até que os membros da OLP e milhares de palestinos fossem expulsos do Líbano em 1982, durante a invasão israelense. Entre 1973 e 1981, Darwich foi um dos editores do *‘u’...n Filas≈niyya* (Temas palestinos, jornal ligado à OLP); a partir de 1977, tornou-se o editor-chefe desse periódico, onde publicou alguns de seus mais importantes artigos.

Entre 1982 e 1995, Darwich residiu em Paris. Tornou-se membro do Conselho Executivo da OLP e foi o autor da Declaração de Argel, também conhecida como a “Declaração da Independência Palestina”, de 1988. Fundou o jornal literário *Alkarmel* em 1983 e tornou-se seu editor-chefe até o final da vida. Em 1993, demitiu-se do Conselho Executivo da OLP por causa de divergências em relação aos acordos de Oslo, firmados naquele ano. Viveu de 1996 até 2008, ano de sua morte, na cidade de Ramallah. Ao longo dos anos, o escritório do poeta foi atacado por militares israelenses diversas vezes e seus manuscritos, destruídos.

As realizações poéticas de Darwich lhe garantiram vários prêmios e reconhecimento internacional. Darwich se tornou um símbolo da resistência nacional palestina, saudado como um herói. Segundo o pensador Edward Said, Darwich “é um artista que dá voz a exilados enraizados e às dificuldades dos refugiados presos em armadilhas, a fronteiras em dissolução e identidades em mudança, a exigências radicais e novas linguagens”.<sup>13</sup>

### **As experiências do exílio**

---

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>13</sup> SAID, E. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 145.

Boa parte da liderança, dos intelectuais e dos profissionais palestinos – que desempenharam um papel crítico na formulação da consciência nacional palestina a partir da experiência como refugiados – foi expulsa ou optou pelo exílio.

De várias formas, o exílio é uma experiência contínua na vida de Darwich: exílio do lar físico, exílio na língua, exílio na herança literária etc. Numa entrevista para o jornal literário *Hadar≈m*, em 1996, Darwich apresentou o exílio como parte de uma visão de mundo abrangente que define as condições da vida:

É possível descrever tudo o que eu escrevo como poesia do exílio. Eu nasci um exilado. O exílio é um conceito muito amplo e relativo. Há exílio na amizade, exílio na família, exílio no amor, exílio dentro de você. Todo poema é uma expressão de exílio ou de estranhamento...<sup>14</sup>

Darwich se considera um exilado desde que deixou Birwa, aos seis anos de idade. O exílio se tornou parte de sua identidade, assim como da identidade nacional dos palestinos.

No que me diz respeito, eu não posso reclamar do exílio. Ele tem sido muito generoso comigo. Ensinou-me, ampliou os horizontes de minha humanidade e da minha língua, permitiu-me promover o diálogo entre os povos e as culturas. Eu não posso dispensá-lo, já que ele se tornou parte de mim mesmo.<sup>15</sup>

O autor expressa, no entanto, seu desejo de retornar à pátria.

Eu deveria retornar para viver em Haifa ou em Akka, e o exílio me acompanharia. É um exílio humano no sentido mais amplo, e ele é a base de minha humanidade. O exílio é algo relativo. Ele poderia ter mais influência na pátria do que ele tem fora dela.<sup>16</sup>

Entre outras, a obra *Limj<sup>TM</sup>a tarakta al@iÆjn wa@≈dan* (Por que deixaste o cavalo sozinho?)<sup>17</sup> revela uma recriação constante do lar na poesia de Darwich. De

---

<sup>14</sup> “*Ha-gal...t*” (O exílio). *Hadar≈m*, dezembro de 1996, pp. 174-175.

<sup>15</sup> DARWICH, M. *Palästina als Metapher: Gespräche über Literatur und Politik*. Heidelberg: Palmyra, 1998, p. 230.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 230.

<sup>17</sup> *Limj<sup>TM</sup>a tarakta al@iÆjn wa@≈dan* (Por que deixaste o cavalo sozinho?). Beirute: Riad el Rayyes, 1995. Nessa obra, Darwich confirmou sua rejeição ao processo de paz com Israel da maneira como é conduzido, em que se privilegia o processo em detrimento da paz.

acordo com Najat Rahman, o escritor palestino só encontra um espaço de pertença, um lugar<sup>18</sup>, na poesia.

A ausência de lugar, exceto como um lugar-deserto ou como um lugar de errância, relega o poeta ao espaço do poema, pois o deserto é um espaço da ausência. O poema encarna essa ausência de lugar e, no deslocamento do poeta de sua realidade, torna-se a sua pertença. É em sua repetição que o poema salva o poeta e a si mesmo e transforma as forças da mudança em repetições eternas do início. Na poesia pré-islâmica, a *qas̄da* forneceu um lar substituto e um sentimento de pertença. Ela não só falava do ato de errar, vagar, da ausência de um lugar fixo, como era também o espaço de expressar o desejo pelo que está ausente.<sup>19</sup>

O crítico literário também descreve o exílio na poesia de Darwich como “o espaço da literatura”:

O exílio é, num certo sentido, o “espaço da literatura”, o espaço da retirada que oferece a solidão para o escritor que vagueia num deserto inacessível e que poupa a ele as demandas de todo dia, mas lhe nega o poder que vem daí.<sup>20</sup>

A ambivalência é característica do exílio e da escrita do exílio. De acordo com Edward Said, o exílio é “a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente”.<sup>21</sup>

### **Termos correlatos na poesia**

Darwich utiliza diversos termos na poesia para se referir ao exílio e a seu campo semântico, entre eles:

I) *ṣaraba* (ir embora, partir) e *ḍaruba* (ser estranho). As derivações incluem *ḍar̄b* (estranho, estrangeiro, forasteiro) e *ḍurba* (estranhamento, banimento, exílio).

---

<sup>18</sup> Em árabe, a palavra lugar (*mak̄n*) vem do verbo *k̄na* (ser, existir). Intrínseco ao ser, então, está o lugar.

<sup>19</sup> RAHMAN, N. *Literary disinheritance*. Madison: University of Wisconsin-Madison, 1999, p. 54.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 30.

<sup>21</sup> SAID, E. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 60.

II) *Safara* (na forma *sifara*: viajar, partir). As derivações incluem *safar* (viagem, jornada) e *musjfir* (viajante, passageiro).

III) *arada* (escapar, vagar). Entre as derivações que aparecem na obra de Darwich, estão *ur...d* (errância, escapada; *ur...d alfikr*: devaneio), *ar≈d* (fugitivo, desterrado, proscrito, degredado), *ta<sup>o</sup>r≈d* (expulsão, desterro), *mu<sup>o</sup>arrad* (deslocado, expulso), *ta<sup>o</sup>arrud* (vadiagem) e *jrid* ou *muta<sup>o</sup>arrid* (errabundo, errante, vagabundo).

IV) *Ra@ala* (levantar acampamento, partir, emigrar, viajar), com derivações como *ri@la* (viagem, périplo, jornada), *ra@≈l* (deslocamento, partida), *r;hil* (viajante, nômade, defunto) e *mar@ala* (estágio, fase, ciclo).

V) *Hajara* (na forma *hijara*, emigrar), com derivações como *muhjir* (migrante), *hijra* (partida, êxodo, migração; refere-se também à hégira, emigração do profeta Muhammad de Meca para Medina em 622, evento que marca o início do calendário islâmico)<sup>22</sup> e *Hijar* (Hagar, “a primeira mulher a chorar num exílio sem fim”<sup>23</sup>).

VI) *Laja’a* (refugiar-se, pedir proteção, asilo), com derivações como *luj...’* (refúgio), *lj≈’* (refugiado) e *malja’* (local de refúgio).

VII) *Nafà* (negar, contradizer, expulsar, expatriar), usado principalmente como o substantivo de lugar *manfà* (lugar de banimento, exílio).

Além disso, há algumas palavras que denotam motivos tradicionais na poesia de Darwich: *jda* (retornar) e *baqiya* (permanecer), que representam a oposição entre o retorno e a permanência; e <sup>TM</sup>*akara* (lembrar) e *nasiya* (esquecer), como a oposição entre a lembrança e o esquecimento. Um termo frequente que indica o ideal de um povo é *Æum...d* (perseverança, determinação, firmeza, tenacidade).

Nas obras poéticas de Darwich, as palavras mais comuns para expressar a condição do exílio e da separação são as derivações de *daraba*, *daruba*, *sifara*, *arada*, *nafà*; menos frequentes são *laja’a*, *hijara* e *ra@ala*.

*µurba*, que traduz a experiência de ser um estranho longe do próprio lar e a idéia de estranhamento e alienação (tão usuais aos palestinos), é a palavra que o poeta mais utiliza para se referir ao exílio. Em *’Áiq min Filas≈n* (Enamorado da Palestina), o estranho é um *dar≈b add;r* (estranho do lar).

<sup>22</sup> Em “*Na≈d lirrij;l*” (Hino aos homens), da obra *’Áiq min Filas≈n* (Enamorado da Palestina), por exemplo, o exílio palestino é comparado à hégira do profeta Muhammad.

<sup>23</sup> DARWICH, M. *’Áiq min Filas≈n*. Amã: D;ir a<sup>oo</sup>ur...q, 1966, p. 32.

Você era meu jardim e eu, um estranho do lar  
Eu bato na porta, meu coração  
Eu bato no meu coração  
Mas a porta se interpõe  
A janela, o asfalto e as pedras também!<sup>24</sup>

O acesso à casa, ao lar, está bloqueado pela porta e pela janela, que marcam a separação de uma área onde o estranho não pode entrar.

O estranho de Darwich sobrevive na adversidade. No poema “*Risjla min almanfā*” (Carta do exílio), a existência na *ḍurba* é uma existência marcada pela ausência: ausência de lugar, ausência de amigos, ausência de familiares; o único consolo é a escrita. O poema é uma carta de um trabalhador migrante adolescente à família que teve de abandonar:

Saudações... e um beijo na face  
Que mais posso dizer?  
Por onde começo? Onde termino?  
Implacável este tempo...  
E o que possuo no meu **exílio**?  
Uma bolsa, um pedaço de pão seco, um desejo  
E um caderno que carrega  
Uma parte do meu fardo.<sup>25</sup>

As características do *ḍar≈b* (estranho, forasteiro, estrangeiro) se assemelham às do *musjfir* (viajante), uma outra designação importante para o refugiado na poesia de Darwich, sobretudo nas décadas de sessenta e setenta. No poema “*Wa ‘ida.. f≈ kafan*” (Ele retornou... numa mortalha), tanto o *musjfir* quanto o *ḍar≈b* são vistos como um *ʿjrid* (errante).

Não viram o **errante**?  
Um **viajante** que não sabe viajar?  
Ele partiu sem provisão  
E quem alimenta o rapaz?  
E se ele tiver fome no caminho?  
E quem mostra clemência ao **forasteiro**?<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 78.

<sup>25</sup> DARWICH, M. *Awrāq azzaytūn* (Folhas de oliveira). Beirute: Djr al‘awda, 1964, pp. 61-62.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 40.

O forasteiro, o viajante e o errante são vistos como excluídos da sociedade e forçados a confiar na misericórdia e na compaixão incerta das pessoas.

No poema “*Yawm*” (Dia), essa imagem se repete: “A porta está fechada mais uma vez, seu rosto não vem / Você [a noite] e eu somos viajantes e refugiados, você e eu”.<sup>27</sup>

Em “*Riṣla min almanfā*” (Carta do exílio), o estrangeiro está sujeito aos perigos da natureza. Ele viaja numa noite iluminada apenas pelas estrelas e pela lua, e a noite o afugenta como um animal selvagem faz com sua presa.

A noite – mãe – é um lobo faminto, sedento de sangue  
Acossa o estrangeiro em qualquer lugar  
E abre o horizonte aos fantasmas.<sup>28</sup>

O exílio (*ḍurba*) e o isolamento (*‘uzla*) são duas realidades, dois sentimentos, que afligem os palestinos e aos quais Darwich dá voz: “Somos obrigados – no mínimo – a admitir a dificuldade da batalha... e nossos sentimentos de exílio e isolamento”.<sup>29</sup>

A “obrigação” do poeta de expressar o exílio se baseia na própria experiência de Darwich. Numa entrevista realizada em 1969, o poeta se refere a 1948 como o início de sua tragédia pessoal, concomitante ao desastre coletivo de todo um povo.<sup>30</sup>

A ocupação da Palestina estabeleceu um paralelo com a ocupação da infância de Darwich: “Desde aquela noite, o caráter especial do mundo da infância virou de cabeça para baixo. Aquela criança foi privada das coisas e da língua que a distinguia dos adultos”.<sup>31</sup>

Nos relatos autobiográficos de Darwich, percebe-se a complexidade de definir o “lar” para os palestinos. No exílio, o lar é definido como aquele que foi perdido. O lar se torna a expectativa do retorno. Ao voltar, o “lar” é perdido mais uma vez. Ele se torna o desejo não apenas pelo próprio país, mas também pelo direito a esse país. O lar é o que está sempre à espera, mas nunca se realiza. Ao retornar, o migrante percebe que perdeu não apenas seu lar mas também parte da identidade e sua possibilidade de expressar essa

<sup>27</sup> DARWICH, M. *Ḥir allayli* (Fim de noite). Beirute: Ḍir al‘awda, 1967, p. 225.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 71.

<sup>29</sup> DARWICH, M. “*Ra’ ≈ fi’ri’riṇj*” (Minha opinião sobre nossa poesia). *Aljaḍd*, agosto de 1961, p. 41.

<sup>30</sup> “*Ma’a a’ ≈ ir Ma’ ≈ m... d Darẉ ≈*” (Com o poeta Mahmud Darwich). *Aljaḍd*, março de 1969, p. 20.

<sup>31</sup> *Ibid. ibidem.*

identidade livremente. No retorno, Darwich descobre que não pode pronunciar a palavra Palestina nem admitir ter estado no Líbano por medo de ser rotulado como “infiltrado”.

No caso de Darwich, os sentimentos de separação e alienação foram o resultado da exclusão que ele vivenciou como um refugiado interno em Israel. No exílio, Darwich percebera que não tinha o mesmo direito à educação que as crianças libanesas tinham. Como um absentista presente palestino, ele vivenciou sua presença e sua identidade como ilegítimas, pois não tinha acesso completo às ordens simbólicas da sociedade. Dessa forma, ele experimentou a perda dupla do lar e do eu. Vivenciou a exclusão da sociedade israelense nas condições físicas assim como nos valores e nas representações simbólicas ensinadas na escola. No currículo escolar, a herança árabe era simbolicamente excluída.<sup>32</sup>

O papel da língua e da literatura árabe no sistema educacional israelense ainda faz parte do debate sobre o *status* da população palestina na sociedade israelense. O árabe é uma língua oficial de Israel como o hebraico, mas apenas formalmente. Em resposta ao debate que surgiu em 2000 por causa da sugestão do então ministro da educação Yossi Sarid de que os poemas de Darwich fossem incluídos no currículo<sup>33</sup> dos colégios israelenses, Edward Said afirmou que a controvérsia revelava uma instabilidade fundamental a respeito de sua identidade:

O que o debate sobre Darwich revelou foi uma profunda instabilidade, se não um vazio, no coração da identidade israelense, um vazio onde deveria haver um sentimento de plenitude e confiança depois de cinquenta e dois anos de supremacia militar e afirmação social. E isso revela o maior problema que Israel enfrenta hoje, a saber, a questão da própria identidade judaica, que tem sido deixada para trás pelos eventos dos últimos cinquenta anos.<sup>34</sup>

Said afirmou que a ameaça real de permitir que a poesia de Darwich fosse lida era admitir

a possibilidade de que, para uma consciência israelense, talvez a existência real de um palestino fosse algo inadmissível, não como um terrorista, não como um “parceiro da paz”, mas como um verdadeiro

---

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>33</sup> SACHS, S. “Poetry of Arab pain: Are Israeli students ready?”. *The New York Times International*, 7 de março de 2000. A sugestão provocou muitos protestos; um membro do partido Likud (direita) disse que Darwich era “anti-sionista e um odiador de Israel que prega[va] a destruição da entidade sionista”.

<sup>34</sup> SAID, E. “A truly fragile identity” em *Al Ahrām*, 23-29 de março de 2000.

ser humano com uma história, presença e língua que tinha uma existência independente de Israel.<sup>35</sup>

O rótulo “absentista presente” implicava que a presença física palestina não era suficiente para fazer com que um indivíduo existisse ou estivesse plenamente presente.

### **A redenção literária**

A esperança e o desejo de um retorno físico se transformaram na busca de estar presente. Essa busca também estabeleceu um objetivo fundamental para a poesia: “Eu não escrevo para viver e não vivo para escrever. Eu escrevo para estar presente”<sup>36</sup>, disse Darwich. A poesia também atua como uma resposta coletiva contra a ocupação, pois serve como um repositório da memória e da consciência popular. Encontrar uma identidade pessoal está intimamente vinculado à questão da identidade nacional.

Para Darwich, a distância geográfica cria um tempo-espaço poético. A possibilidade de retornar a um lugar ou a um tempo no passado existe apenas na poesia.

A questão é se é possível trazer de volta a infância tirada de mim, retornar à terra que me foi tomada. Esta é a libertação poética que marca o limite da própria poesia. Encontrar o jovem Mahmud Darwich, aquele que eu era, só é possível na poesia. Não na vida.<sup>37</sup>

Darwich vê as raízes de sua criação literária nessa sua experiência de perda desde a infância. “A criança que vive dentro de mim é uma das condições da poesia. Se eu amadurecesse sem a criança travessa dentro de mim, não poderia ser um poeta”.<sup>38</sup>

A busca por um caminho para casa é a fonte da libertação poética e uma condição para a poesia. Angelica Neuwirth afirma que o desenvolvimento intelectual de Darwich provém da tentativa de usar a poesia para superar o exílio e buscar a “redenção”. Para ela, isso ocorre por meio de

uma reescrita pessoal que o artista criativo faz da história da salvação – do exílio para a redenção através da criatividade –, reivindicando para si mesmo o que é tradicionalmente considerado uma prerrogativa

---

<sup>35</sup> *Ibid. ibidem.*

<sup>36</sup> “*Alkit;ba fi darajat aldal~;n*” (A escrita em ponto de ebulição). *Al ‘Ad~;b*, julho de 1974, p. 2.

<sup>37</sup> *Ibid. ibidem.*

<sup>38</sup> *Ibid. ibidem.*

divina.<sup>39</sup>

As imagens da separação do lar ou da sociedade normalmente estão relacionadas a atos de violência física ou ao aprisionamento. A maior parte da obra *'Ā'iq min Filas* (Enamorado da Palestina) foi escrita na prisão: “Eu sou o exilado atrás do muro e do portão”.<sup>40</sup>

Darwich declarou que a prisão foi importante para o seu desenvolvimento literário. Escrever na prisão trouxe concentração e refinamento a sua poesia.<sup>41</sup> Em sua poesia, a prisão frequentemente se iguala a *manfâ* (lugar de banimento, exílio)

Em *'Ā'iq min Filas*, *manfâ* é um lugar de tristeza (*dujî' almanfâ*, *ʔalîm almanfâ*: a escuridão, a opressão, a sombra do exílio), o que revela um exílio forçado, uma perda do lar e da presença simbólica. O exílio externo (a expulsão) estabelece um paralelo com o silêncio forçado do exílio interno:

Quem é você?  
Sou um prisioneiro no meu país  
Sem terra  
Sem bandeira  
Sem lar  
Jogaram minha gente no exílio  
E vieram comprar o fogo da minha voz.<sup>42</sup>

No poema “*Azhîr addamm*” (Flores de sangue), que fala do massacre de Kafr Qasim, um documento de viagem é encontrado nos bolsos de um homem morto. O irmão dele, que deixa a aldeia em busca de trabalho, é preso porque não tem o documento de viagem adequado, como boa parte da população árabe, proibida de locomover-se. A falta de documentos de viagem válidos, ao participar de recitais de poesia ou ao visitar familiares em outras cidades, resultou em ordens de prisão a Darwich em diversas ocasiões.

---

<sup>39</sup> NEUWIRTH, A. “Mahmud Darwish's restaging of the mystic lover's relation towards a superhuman Beloved” em *Conscious voices: Concepts of writing in the Middle East*. Stuttgart: Steiner, 1999, p. 171.

<sup>40</sup> DARWICH, M. *'Ā'iq min Filas*, p. 83.

<sup>41</sup> “*Ma'a a'ajîr Ma'm...d Darwîsh*”, p. 22.

<sup>42</sup> DARWICH, M. *'Ā'iq min Filas*, p. 157.

Embora muitas vezes sejam associados à morte, o aprisionamento e o banimento são vistos às vezes também como situações temporárias que não conseguem destruir definitivamente a esperança e a resistência: “Nós sairemos da detenção e do exílio”.<sup>43</sup>

No poema “*Lj jidrjn lizzinzjna*” (A prisão não tem muros) de *Al’aÆjfr tam...tu filjal≈l* (Os pássaros morrem na Galiléia), a prisão tem efeitos positivos:

Minha prisão me salvou da morte  
Do pensamento que corrói  
Da decepção com o pensamento que destrói.  
Em seu telhado eu encontrei a face da liberdade  
Todo o laranjal  
E os nomes daqueles que ontem perderam seus nomes  
No campo de batalha.<sup>44</sup>

Nesse poema, tudo o que foi perdido pode ser recuperado na prisão: a terra (o laranjal), a identidade (os nomes) e a liberdade (a face da liberdade). A prisão define novos parâmetros de presença, e a luta pela presença é uma luta pelo domínio linguístico. Escrever é um modo de estabelecer a presença. Para Darwich, a língua e a literatura sempre foram importantes marcas de identidade e inclusão.

Na sociedade pré-moderna, segundo Mircea Eliade, o esquecimento é o último pecado: “o que aconteceu não deve nunca ser esquecido. O verdadeiro pecado é o esquecimento”<sup>45</sup>. Esse também é o caso na poesia de Darwich. A perda de memória equivale ao risco de ser esquecido através da migração. Apagar a memória de alguém equivale a completar a separação, a expulsão. A perda definitiva é causada não pela separação geográfica da migração, mas pelo esquecimento resultante dela.

Se o esquecimento é o grande perigo, a memória é a chave para alcançar a presença e a inclusão. Em *’Āiq min Filas≈n*, a lembrança é a chave para voltar para casa:

Faça-me verso das Escrituras da minha tragédia  
Faça-me brinquedo... a pedra da casa  
Para que a próxima geração lembre  
O caminho de casa!<sup>46</sup>

<sup>43</sup> DARWICH, M. *’Āiq min Filas≈n*, p. 150.

<sup>44</sup> DARWICH, M. *Al’aÆjfr tam...tu filjal≈l* (Os pássaros morrem na Galiléia). Beirute: Dīr al’awda, 1969, p. 34.

<sup>45</sup> ELIADE, M. *The sacred & the profane: The Nature of Religion. The significance of religious myth, symbolism and ritual within life and culture*. San Diego: Harcourt Brace & Co., 1987, p. 101.

<sup>46</sup> DARWICH, M. *’Āiq min Filas≈n*, p. 84.

Na mesma obra, as consequências negativas do silêncio são comparadas às da partida: “A sua partida destroçou o violão... ou foi o meu silêncio?”.<sup>47</sup>

A partida e o silêncio são os dois perigos a ser evitados a todo custo porque resultam no esquecimento.

Se a partida se iguala ao silêncio, a voz e a presença que foram perdidas devem ser reivindicadas e é preciso promover mudanças, transformações. Uma tentativa de encontrar uma alternativa para os danos do exílio aparece no poema “*An insjn*” (Sobre um ser humano), no qual o aprisionamento, o exílio e a morte são três forças destrutivas de separação que o homem precisa suportar.

Colocaram correntes em sua boca  
Agrilhoaram suas mãos na pedra dos mortos  
E disseram: Você é um assassino!

Levaram sua comida, as roupas e as bandeiras  
E o jogaram na prisão dos mortos  
E disseram: Você é um ladrão!

Afastaram-no de todos os portos  
Levaram sua bem-amada  
E disseram: Você é um refugiado!<sup>48</sup>

A separação é expressa num nível físico e num nível simbólico. O meio físico de separação e exclusão, expresso no poema pelas correntes, pela privação da comida e pela deportação, é unido à exclusão simbólica que consiste na tentativa de tirar a legitimidade da vítima. O homem é acusado de ser um *q̣itil* (assassino), um *ṣjriq* (ladrão) e um *ljj̣* (refugiado). Na poesia de Darwich, o termo *ljj̣* é pouco usado. Aqui é uma designação externa ofensiva do migrante: “E disseram: Você é um refugiado!”. O *status* do refugiado é semelhante àquele de um assassino ou de um ladrão. Os que o acusam transferem seus próprios crimes para a vítima ao redefinir seu sofrimento como ações criminosas. Aquele que teve tudo tomado é definido como um ladrão. Suas supostas ações são punidas por meios normalmente ligados à condição de migrante e de estranho: privação de comida, roupas e bandeiras (identidade nacional) e

---

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 80.

<sup>48</sup> DARWICH, M. *Awrāq azzaytūn*, pp. 25-26.

a separação da bem-amada. Além disso, aqueles que anunciam a punição criam uma realidade através do uso da palavra.

“*An insjn*” pode ser colocado num contexto mitológico. Há paralelos com o mito de Prometeu, o semideus grego que foi punido por roubar o fogo dos deuses para ajudar os humanos. No poema de Darwich, o homem está, como o Prometeu do mito, acorrentado a uma rocha. E é definido como um criminoso pelo que parece ser uma causa justa.

O poema mostra que o ato de criar uma realidade muitas vezes não leva em conta a justiça do ato. As coisas são o que são porque aqueles com poder dizem que assim devem ser. Dizer e definir é ter autoridade. Na última parte de “*An insjn*”, o direito autoproclamado de definir o outro pela autoridade anônima se revela ilusório. Os impérios tirânicos, como a Roma de Nero, irão passar. “Nero morreu”<sup>49</sup>, diz o poeta.

Na primeira estrofe, as correntes (*saljsil*) amarram o homem anônimo à rocha. A última palavra do poema indica, no entanto, que essa situação não irá perdurar. No lugar das correntes, espigas de trigo (*sanjbil*), que simbolizam a resistência e cuja defesa está ligada à defesa do país, crescerão para trazer vida nova. Através dessa transformação (de *saljsil* em *sanjbil*), a submissão se transforma em resistência e o sofrimento em vitória. A última prerrogativa de definir a realidade recai sobre o narrador, que, ao contar a história, muda a fonte do poder.

Como é possível observar, a consciência do potencial de alterar a realidade por meio da literatura afeta o modo como o exílio é visto e promove a redenção do poeta.

---

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 27.